

Pesquisa mostra que maioria dos lusófonos quer viver em Portugal

Pesquisa também indica que o Brasil é visto como grande referência em cultura

Diego Delso via Wikimedia Commons

A Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) é formada por nove nações espalhadas por quatro continentes. Se tivessem que escolher um lugar para viver, grande parte de seus cerca de 300 milhões de habitantes elegeria Portugal. Se a nação lusa é o objeto de desejo de moradia, o Brasil se destaca como principal produtor e exportador de cultura.

Estas são algumas das conclusões do Barômetro da Lusofonia, pesquisa conduzida pelo Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas (Ipespe) de São Paulo sob a coordenação de Antônio Lavareda, presidente do Conselho Científico da entidade.

“O diferencial da pesquisa reside sobretudo em investigar diretamente o interesse, a familiaridade e as trocas culturais entre as populações dos países pesquisados”, disse Lavareda no evento de lançamento, em Lisboa. “O estudo ilumina vínculos simbólicos, culturais e identitários que atravessam o mundo de língua portuguesa, frequentemente invisíveis nas análises tradicionais”, afirma.

Perguntados sobre em quais países de língua portuguesa gostariam de morar além do lugar onde vivem, 62% dos entrevistados apontaram Portugal como primeira escolha. O Brasil, com 32%, aparece num distante segundo lugar. Portugal, por sua vez, é o único dos países pesquisados com um ambiente desfavorável a estrangeiros, segundo seus próprios cidadãos.

O relatório que acompanha a pesquisa atribui este resultado, entre outras coisas, ao “contexto



Portugal é o país mais desejado para moradia, de acordo com o “Barômetro da Lusofonia”

européu marcado pela expansão de discursos políticos radicais, contrários à imigração”.

O Brasil é visto como o principal exportador de produtos culturais, de acordo com 68% dos que responderam à pesquisa - Portugal chegou em segundo lugar com 56%. O levantamento mostra que o mundo lusófono está interessado no Brasil, mas a recíproca não é necessariamente verdadeira. Somos o país que menos consome a produção cultural dos irmãos de idioma - 34% contra 94% de Moçambique, o mais antenado na Comunidade.

No quesito democracia, o caso de Cabo Verde merece destaque. O país é um dos poucos países africanos a pontuar bem no V-Dem, o

principal ranking do mundo sobre qualidade democrática - está na mesma categoria, “democracia eleitoral”, de Brasil e Portugal. O Barômetro informa também que se trata do país de língua portuguesa com maior percentagem de mulheres no parlamento, e o segundo melhor em índice de igualdade de gênero, atrás apenas de Portugal.

Quando perguntados sobre se estão satisfeitos com sua democracia, no entanto, apenas 27% dos cabo-verdianos deram uma resposta positiva, ficando à frente apenas de São Tomé e Príncipe (22%) na pesquisa.

“Esse número demonstra que ter eleições livres e justas não é suficiente”, diz a cientista política Eda-

lina Rodrigues Sanches, professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e conselheira do Ipespe. “Os cidadãos ficam insatisfeitos quando consideram que a democracia não consegue resolver os problemas do país”.

No campo da saúde democrática merece também destaque o capítulo sobre consumo de notícias e incidência de fake news. Em Portugal, a televisão lidera como principal meio de informação, de acordo com 74% dos que responderam a pesquisa. No Brasil, a liderança é das redes sociais (50%), seguida pelos sites e portais informativos (44%). A televisão ficou em terceiro, lembrada por 38% dos respondentes.

Portugal (83%) e Brasil (80%) lideram em número de cidadãos que declararam já ter recebido fake news. Entre os moradores dos países de língua portuguesa, os brasileiros (77%) são, de longe, os que mais se preocupam com os impactos da desinformação.

Na área do esporte, os brasileiros não são a principal referência em futebol, apesar do status de pentacampeões mundiais. 54% dos entrevistados preferem acompanhar os clubes portugueses, que disputam na Europa as principais ligas do mundo. O futebol brasileiro só é seguido por 31% dos respondentes.

Saúde, educação e desemprego aparecem no topo das preocupações de todos os países. Sociedades marcadas pelo tráfico de pessoas escravizadas, quase a totalidade dos cidadãos entrevistados reivindica que o estudo do tema deveria ser obrigatório nas escolas.

O conservadorismo de costumes é outro traço comum. A união afetiva entre pessoas de mesmo sexo é repudiada pela maioria dos cidadãos em seis dos oito países pesquisados - as exceções são Portugal e Brasil.

Contando com parcerias com várias universidades e organizações da sociedade civil, o Ipespe pretende tornar o Barômetro da Lusofonia bianual. A pesquisa entrevistou 5.688 pessoas em oito países - Portugal, Brasil, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Timor Leste.

Por João Gabriel de Lima (Folhapress)

Falta de energia em Cuba coroa crise generalizada sob ameaça constante de Donald Trump

Divulgação/ Casa Rosada



Díaz-Canel falou em “sacrifícios” da população

“Não sou idealista, sei que vamos viver tempos difíceis, mas vamos superá-los juntos, com resistência criativa e com o esforço e o talento de todos”, afirmou o líder de Cuba, Miguel Díaz-Canel, na última quinta-feira (5), em uma entrevista coletiva televisada.

O chamado a sacrifícios não chegou a toda a população, em grande parte sem eletricidade para assistir ao primeiro pronunciamento do político desde a captura de Nicolás Maduro pelos Estados Unidos, no início de janeiro --episódio que abalou a ilha, altamente dependente do petróleo venezuelano.

Os fluxos são pouco transparentes, mas estima-se que Cuba produza menos da metade do petróleo de que

necessita, ficando o restante por conta de aliados. Até o começo do ano, a Venezuela era o principal, seguida de México e Rússia, mesmo após uma queda nos envios em 2023.

Mas sem Caracas, que está impedida pelos EUA de comercializar com Cuba após a intervenção, a ilha é palco de apagões que chegam a 20 horas diárias em algumas regiões e filas de horas para comprar combustível. A crise se dá em um contexto que já era de escassez generalizada de remédios, instabilidade econômica e êxodo massivo.

Os “tempos difíceis” por vir ficaram mais claros na sexta-feira (6), quando o vice-primeiro-ministro cubano, Oscar Pérez-Oliva Fraga, anunciou em um programa de te-

ções à venda de combustíveis, redução de viagens de ônibus e trem, fechamento de hotéis e cortes na carga horária escolar. “O combustível está sendo destinado à proteção de serviços essenciais para a população e a atividades econômicas indispensáveis”, afirmou o político.

A situação energética precária coroa as múltiplas crises que Cuba enfrenta com mais intensidade pelo menos desde a pandemia de Covid-19 --agora, com a volta das ameaças de Donald Trump, que não poupou a ilha em seu primeiro mandato.

Dias após a queda de Maduro, o presidente americano ameaçou o regime ao sugerir a adoção de um acordo “antes que seja tarde demais”. Já na última quinta, a secretária de impren-

sa da Casa Branca, Karoline Leavitt, afirmou que a ditadura “está em seus últimos suspiros e prestes a cair”.

Após a intervenção americana na Venezuela, o México ganhou destaque entre os países exportadores de petróleo a Cuba, mas essa condição também está em xeque.

Na segunda (2) Trump afirmou a jornalistas, sem dar detalhes, que o vizinho do sul deixaria de enviar petróleo para a ilha. De acordo com a agência de notícias Reuters, autoridades mexicanas estão avaliando como enviar combustível para Cuba para ajudar a suprir necessidades básicas como eletricidade e transporte sem represálias de Washington.

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)